

DOCUMENTÁRIO

O AUTO DA ACLAMAÇÃO D'EL-REI DOM JOSÉ I

Os nove volumes da *Coleção de Legislação Portuguesa*, organizada pelo desembargador *Antônio Delgado da Silva*, referentes ao período que vai de 1750 a 1820 e publicados em Lisboa entre 1826 a 1858, constituem um repositório preciosíssimo não apenas para os historiadores portugueses, como também para todos quantos se dediquem ao estudo de nossa História. Não se trata de uma simples compilação de leis; seu paciente organizador conseguiu reunir enorme massa de documentos de caráter oficial, numerosíssimos dos quais figuravam em arquivos particulares (de acôrdo com as indicações que os acompanham) e estariam condenados ao completo olvido, não fôra a feliz iniciativa de quem os compilou. Por outro lado, refere-se tal coleção a um período longo e importante da História Luso-Brasileira — os últimos meses do reinado de Dom João V, todo o reinado de Dom José I e de Dona Maria I, além de largo período do govêrno de Dom João VI; por isso mesmo, quem percorre suas páginas consegue reviver a história política, administrativa, diplomática, social e econômica de Portugal e do Brasil, de 1750 a 1820, como ainda uma das fases mais agitadas da História da Civilização Ocidental, em que se incluem a Revolução Francesa e a época Napoleônica.

Não é nossa intenção entrar em pormenores a respeito dos documentos existentes nesta valiosa "Coleção", que da biblioteca particular do Barão de Santa Eulália veio ter às nossas mãos. Desejamos, tão somente, chamar a atenção dos historiadores para o *Auto da Aclamação del-Rei Dom José*, que figura no volume suplementar referente a 1750-1762, de autoria de *Pedro Norberto de Aucourt e Padilha*, Escrivão da Câmara de Sua Majestade, Fidalgo de sua Casa e seu Notário Público para o referido Auto, por fôrça de Alvará baixado pelo próprio Rei.

Trata-se de um documento extremamente minucioso, como poderá ser constatado através de sua leitura; e isto se explica porque, por ordem do Rei, o autor do Auto ficou sentado em uma escrivaninha, com papel e tinta, no estrado grande, junto ao Trono, a fim de que não perdesse nenhum detalhe da imponente cerimônia. Entre outros motivos de interêsse que o mesmo possa apresentar, julgamos que merecem ser ressaltados: 1.º — o fato de nos fornecer uma idéia perfeita de uma cerimônia máxima num período de fastígio da côrte portuguesa, verdadeira "idade de ouro" de Portugal; 2.º — a presença nele de uma relação, possivelmente com-

pleta, da Nobreza lusitana da época, pois tudo indica que, só por exceção, algum nobre deixasse de tomar parte na grande solenidade; 3.º — a diversidade de estilos entre a linguagem utilizada pelo autor do Auto e a de que lançou mão o autor do discurso congratulatório pronunciado na cerimônia.

A aclamação, como Rei de Portugal, daquele que era filho de Dom João V e de Dona Maria Ana d'Áustria (irmã do imperador José) teve lugar no dia 7 de setembro de 1750, uma segunda-feira, iniciando-se por volta das 2 horas e meia da tarde.

I. — O cenário.

A cerimônia realizou-se no *Terreiro do Paço*, “nesta cidade de Lisboa, nos Paços da Ribeira dela”.

Nesse local, onde hoje existe uma imponente estátua do próprio Dom José, ergueu-se uma *varanda*, com cerca de 81 metros de comprimento por 9 de largura, toda de madeira fingindo pedra, “com tal artifício e majestade que, suprindo a diferença da matéria com os ornatos da arquitetura, fazia uma belíssima perspectiva”. Achava-se construída numa altura de cerca de 5 metros acima do chão do Terreiro do Paço e tinha nada menos de 9 metros do estrado inferior à cimalha. Era sustentada por 16 colunas, ligadas por uma balaustrada, que fazia face para a praça. Estava enfeitada com festões de sêda, franjas e borlas de ouro, que “faziam tal harmonia aos olhos, que se não podia ver sem admiração e respeito”. Foi tudo obra de D. Henrique José da Costa e Souza, Conde de Soure e Provedor das Obras Reais.

Via-se tal varanda recoberta de damasco e veludo carmezim, guarnecidos de galões e franjas de ouro. Por outro lado, as janelas do Paço apareciam adornadas com cortinas e sanefas preciosas, apresentando ainda maior realce graças à presença de Damas e Senhoras ilustres da Corte, “fazendo tão nobre objeto, que competindo o agradável com o majestoso, não se pode decidir qual fazia o primeiro emprêgo da admiração”...

Continha a varanda 6 degraus, de pequena altura cada um, cobertos com preciosas alcatifas. No último dêles, o mais alto, erguia-se o *Trono*, atrás do qual elevava-se um magnífico *docel* de tapeçaria, com cerca de 5 metros de altura por 2,5 de largura, contendo ainda sêdas, ouro e prata, circundando várias figuras e emblemas, “onde a dextreza do artífice quis mostrar, com a pontualidade do debuxo e com a formosura do colorido, que sabia escurecer com as sutilezas da agulha os primores do pincel”.

Esse docel era, positivamente, um espetáculo:

a) no pano espaldar estavam as Armas de Portugal sustentando a Corôa, dominadas por Marte e Palas; em sua parte infe-

rior, diversos “bárbaros” (entre os quais, certamente, índios brasileiros) presos entre muitos troféus militares;

b) na parte superior do docel, aparecia uma Estrêla, sôbre uma tarja, com o dístico — *A summo Coelo egressio ejus*;

c) quatro emblemas apareciam desenhados, dois de cada lado do docel: 1. uma mão empunhando o cetro, com o dístico — *Fecit potentiam in brachio suo*; 2. uma figura sustentando o Escudo das Armas Portuguêsas, com o dístico — *Fundamenta ejus in montibus sanctis*; 3. uma Nau sulcando o mar, com o dístico — *A solis ortu usque ad occasum*; 4. um raio despedido das nuvens, com o dístico — *Turbabuntur gentes et timebunt*;

d) acima do Escudo das Armas de Portugal, sôbre o espaldar do docel, apareciam a Fama tocando uma trombeta e, pouco abaixo, a Justiça e a Abundância, esta espalhando moedas de ouro, além de vários Gênios “alusivos a estas virtudes”;

e) na parte do docel que cobria a cadeira do Rei, via-se uma figura de mulher sustentando, com três gênios, a Corôa e o Cetro, tendo por baixo o dístico — *Ecce constitui te super gentes, et regna*.

Segundo o cronista, êsse docel provocara a viva admiração dos estrangeiros, que foram vê-lo nos dias em que esteve exposto, não cessando êles de “encarecer o valor, e estimação, e o esquisito gôsto de tão preciosa alfaia”, que estava bem de acôrdo com a *Cadeira real*, tôda de prata maciça dourada, embora excedessem “a preciosidade do metal o artifício, e delicadeza, com que em debuxo, e relevos era formada”.

Do lado esquerdo do Trono, erguia-se a Tribuna da Rainha, ornada de veludo carmezim, bordada a ouro, “com sitial do mesmo, tão primorosamente obrado, que no brilhante demonstrava mais alto valor ao ouro; e sendo tanto o da sua contextura, ainda era mais estimável pelo raro”.

No Terreiro do Paço, achavam-se formados os Regimentos de Infantaria e Cavalaria da Côrte, em duas linhas de batalha. No Corpo da Guarda, aparecia uma companhia da Marinha. Ao pé da varanda, estacionavam os soldados da Guarda Real, com os tenentes a cavallo.

“Todo o mais Terreiro do Paço, janelas, e telhados estava coberto de inumerável gente”.

II. — *As pessoas presentes.*

Em tribuna especial, assistiram à cerimônia “a Augustíssima Rainha Nossa Senhora” — Dona Maria Ana Vitória, filha do rei Felipe V de Espanha, e mais a Princesa do Brasil e as infantas D.

Maria Ana, D. Maria Francisca Dorotéia e D. Maria Francisca Benedita, “que tôdas com os resplendores da majestade faziam mais luzido o objeto, que a mesma profusão dos brilhantes, e perólas, com que se adornavam”. Atrás da Rainha estava a Camareira-Mor, D. Ana de Lorena, “autorizando o seu lugar com o alto nascimento, natural respeito e gravidade de que se reveste”. Também na mesma tribuna, colocada à esquerda do Trono, estavam: os cardeais da Cunha e Manuel; o conde de Atalaia, marquês de Tancos, mordomo-mor da Rainha; e o visconde de Vila Nova da Cerveira, estribeiro-mor da mesma.

Junto ao Trono, além dos príncipes de sangue, ficaram os mais altos *dignatários do Reino* e outros titulares, entre os quais se notavam 2 duques, 12 marqueses, 37 condes, 3 viscondes e um barão.

O *clero* achava-se representado por três cardeais, um arcebispo, dois bispos, 20 “principais”, além de superiores de diversas ordens religiosas e membros de menor categoria. Justo é que ressaltemos a presença de D. Frei Antônio da Madre de Deus Galvão, 2.º bispo de São Paulo, que fôra escolhido poucos meses antes e ainda não assumira a direção da diocese paulopolitana, onde permaneceria até 1764.

Entre as principais *autoridades civis e militares*, figuravam: o Porteiro-mor, o Vedor de Sua Majestade, o Capitão da Guarda Real Alemã, o Almirante e Capitão da Guarda Real, o Trinchante, o Monteiro-mor do Reino, o Almotacé-mor, o Armeiro-mor, o Mestre-Sala, o Esmoler-mor, o Corregedor do Crime da Côrte e Casa, os membros do Conselho de Sua Majestade, Desembargadores, Inquisidores, membros do Conselho Ultramarino (entre os quais o desembargador “Alexandre de Gusmão, fidalgo da Casa de Sua Majestade e Alcaide-mor de Picoinha”), Vereadores do Senado da Câmara, Juizes, acadêmicos da Academia Real, fidalgos e outras personalidades de destaque. Entre êstes últimos, um nome chamou nossa atenção: Francisco Albuquerque Coelho de Carvalho, comendador das comendas de Santa Maria de Cêa, de São Martinho das Moutas e de Santo Ildefonso de Val de Telhas, na Ordem de Cristo, e das comendas na Ordem de Santiago na Vila de Setúbal, senhor donatário do Couto de Outil e das Capitánias-Móres de Cumá e Camutá no Estado do Maranhão.

Ao examinar a longuíssima relação das pessoas presentes, dois fatos devem ser ressaltados: a falta de referência a qualquer representante diplomático de potências estrangeiras e a quase completa ausência de nomes ligados à nossa História. Quanto a êste último, a explicação parece-nos fácil: Dom João V falecera no dia 31 de julho, não havendo tempo, portanto, para que nenhuma autoridade ou personalidade brasileira pudesse comparecer à cerimônia, realizada no dia 7 de setembro.

De acôrdo com a categoria respectiva, dispuseram-se essas autoridades na varanda do Terreiro do Paço. E' o próprio cronista que informa:

“No segundo degrau do estrado grande estiveram os Ministros do Senado em corpo de Câmara; e daí para baixo os Ministros do Tribunal do Desembargo do Paço, os do Conselho Geral do Santo Offício, Conselho da Fazenda, Mesa da Consciência, Casa da Suplicação, Conselho Ultramarino, Junta dos Três Estados, Junta da Administração do Trabalho, e outros mais Ministros; e no pavimento antes de chegar ao primeiro degrau do estrado grande, estiveram os Reis de Armas, Arautos, Passavantes, Porteiros da Maça, e depois dêles se seguiam os Senhores de Terras, Donatários da Corôa, Alcaides-Móres, e Fidalgos, que se achavam presentes, nos lugares, em que cada um se achou, e melhor pôde estar, todos em pé”.

Todos os presentes — Grandes do Reino, Titulares, Fidalgos, Prelados e outras autoridades, mantiveram-se de pé e descobertos durante tôda a longa cerimônia, porque, esclarece o cronista, “nestes Autos ninguém tem assento, nem se cobre”.

III. — *O cerimonial da aclamação.*

Às duas horas e meia da tarde, Sua Majestade o Rei “baixou de sua Câmara” para dar início à grande cerimônia, no meio da alvorçada impaciência de tôda a multidão ali reunida.

O cortejo real tinha, à frente, os Porteiros da Cana, “uns com as canas nas mãos, e outros com as massas de prata aos ombros”. Seguiam-se os Reis de Armas, Arautos e Passavantes, com suas cotas de armas, e os Moços da Câmara. Vinham depois os Grandes do Reino e Titulares, formando duas alas, no meio das quais seguiam os Officiais da Casa Real, todos êles envergando suas insígnias. Em seguida, os Secretários de Estado: Diogo de Medonça Côrte Real, “fazendo o officio de Escrivão da Puridade”, e Sebastião José de Carvalho, o futuro marquês de Pombal. Entre os dois, ia o Duque de Lafões, Regedor das Justiças, trazendo à mão sua insígnia. Quatro passos à frente do Rei, vinha o Senhor D. João, tio do monarca, filho natural do Infante D. Francisco, tendo à sua esquerda o Duque de Cadaval, o marquês de Gouvêa (Mordomo-mor e presidente do Desembargo do Paço), o conde de Óbidos (Meirinho-mor, “com a vara na mão”), seguindo-se-lhes o conde de São Lourenço (Alferes-mor), o qual trazia a bandeira enrolada. Logo após o Rei vinha o infante D. Pedro, “vestido em corpo descoberto, fazendo a função de Condestável do Reino, com o estoque na mão, levantado e desembainhado”; e juntos ao Rei estavam os infantes D.

Antônio e D. Manuel, igualmente descobertos, acompanhados de seus camaristas.

O *Rei Dom José I*, na plenitude de seus 35 anos, vestia uma “opa roçagante de chama branca de prata, com uma cercadura, de mais de palmo, bordada de ouro, e semeada em proporcionadas distâncias com as divisas dos Castelos e quinas do Escudo Real, forrada de outra chama carmezim e ouro, com murça irmã também bordada de ouro, sustida com uma presilha de sete preciosos diamantes brilhantes”. “O vestido — continua o cronista — de uma agradável côr, cinzento e liso, em razão da Pragmática; o hábito de Cristo, todo de diamantes brilhantes de extraordinária e pasmosa grandeza; a presilha do chapéu, o espadim e fivelas eram também de brilhantes de grande valor”. T tamanha orgia de luxo e de riqueza estava bem de acôrdo com aquêl período áureo da história de Portugal, como nos faz lembrar a ostentação e o luxo reinantes na côrte de Luiz XV, de França, monarca contemporâneo. A cauda do Manto Real tinha cêrca de 5 metros e era sustentada pelo marquês de Marialva. Fechavam o imponente cortejo o Cardeal Patriarca (Capelão-mor), arcebispo, bispos e outros altos dignatários da Igreja.

No momento em que o Rei penetrou no local destinado à cerimônia, puseram-se a tocar os menestréis e fizeram-se ouvir as charamélas, trombetas e timbales. Sua Majestade, para que pudesse ser bem visto pela multidão que se comprimia no Terreiro do Paço, percorreu a varanda junto às grades. Por essa ocasião, “tôdas as senhoras da Côrte, que ocupavam as janelas do Paço, se humilharam com profundas reverências” e o Rei, “dispensando com a Majestade, urbanamente fêz por três vêzes a ação de querer tirar o chapéu, ampliando os privilégios daquele ilustre sexo, em lhe não isentar do cortêjo a mesma soberania”...

Chegando ao lugar onde se achava instalado o trono, após uma grande reverência, assentou-se em sua cadeira (que foi descoberta pelo conde de Castelo Melhor, Reposteiro-mor) e empunhou um cetro de ouro esmaltado, que lhe foi entregue pelo marquês de Marialva e que se encontrava numa rica salva de prata dourada, sob a guarda do Tesoureiro da Casa Real. À direita do Rei, na borda do estrado, ficou em pé e descoberto o infante D. Pedro, Condestável do Reino, trazendo nas mãos o estoque levantado; a seu lado, também em pé e descobertos, ficaram os infantes D. Antônio e D. Manuel. Por detrás da cadeira real, permaneceu o marquês de Marialva e, em baixo, à direita, os camaristas dos infantes reais.

No momento de assentar-se, teve lugar um pequeno “incidente”, que o cronista anotou com fidelidade e graça:

“Ao assentar-se El-Rei nosso Senhor, o movimento lhe voltou a presilha da opa real; o Senhor Infante D. Antônio ajoelhando a tornou a compor com aquela reverência, que lhe inflamava o amor do sangue, e o respeito de Vassalo; fazendo-se plausível esta circunstância no dia mais faustoso da nossa idade”.

Tudo assim preparado para a cerimônia, subiu o Rei de Armas ao estrado grande e exclamou: “Ouvide, ouvide, ouvide, estai atento!”. Aproximou-se, então, o Doutor Manoel Gomes de Carvalho, do Conselho de Sua Majestade, Desembargador do Paço e Procurador da Corôa, “a cujo cargo estava fazer a Fala a Sua Majestade”, o qual, após fazer a devida reverência ao monarca, pronunciou um discurso, que merece ser lido na íntegra, pela cristalina pureza da linguagem e pelo estilo em que está vasado, como por constituir um exemplo da oratória da época. Demonstra a tristeza que pairava por sôbre todos os portugueses com a morte de Dom João V, de quem faz o elogio em poucas mas incisivas palavras; acentua as dificuldades em que se encontrou para cumprir a tarefa que lhe foi imposta pelo Rei; passa a fazer o elogio do novo monarca, referindo-se à sua educação e à cultura que recebeu; lembra a herança de glórias que lhe veio ter às mãos, prognosticando-lhe um reinado feliz e não menos glorioso; e termina por testemunhar a alegria com que todos quantos ali se encontravam dispunham-se a prestar o juramento de fidelidade, mais como filhos do que como vassallos.

Terminada a oração congratulatória, subiu o Reposteiro-mor ao estrado real e colocou, diante do Rei, uma cadeira de tela carmezim, coberta com um pano da mesma espécie; sôbre ela pôs uma almofada e outra aos pés do monarca. Em seguida, o Cardeal Patriarca depositou sôbre a cadeira um Missal aberto, guarnecido de prata dourada, e sôbre o mesmo uma Cruz também de prata dourada. À direita do Cardeal Patriarca postou-se o bispo de Portalegre e à esquerda o bispo de São Paulo, testemunhas do juramento real, o que parece significar que, através dessas duas autoridades eclesiásticas, desejou-se demonstrar que Portugal e o Brasil testemunhavam o importante compromisso.

Dom José I, então, ajoelhou-se sôbre a almofada que lhe fôra reservada, passou o cetro para a mão esquerda e, colocando a mão direita sôbre o Missal, pronunciou, “em voz que foi bem entendida de todos os que estavam presentes”, o seguinte juramento:

“Juro e prometo, com a graça de Deus, vos reger e governar bem e direito, e vos administrar inteiramente justiça, quanto a humana fraqueza permite, e de vos guardar vossos bons costumes, privilégios, graças, mercês, liberdades e franquezas, que pelos Reis meus predecessores vos foram dados, outorgados e confirmados”.

Em seguida, tendo o Rei voltado a assentar-se em sua cadeira, subiu o Secretário de Estado, Diogo de Mendonça Côrte Real, ao centro do estrado grande, pronunciando, em voz alta e inteligível a todos, as seguintes palavras:

“Esta é a forma do juramento, que os Grandes, Seculares, Eclesiásticos e Nobreza destes Reinos, que aqui estão presentes, hão de fazer a El-Rei Nosso Senhor, que é o mesmo juramento costumado, que em tais Autos se fêz aos Reis destes Reinos e seus antecessores:

Juro aos Santos Evangelhos, tocados corporalmente com as minhas mãos, que eu recebo por nosso Rei e Senhor verdadeiro e natural, ao muito Alto e muito Poderoso Rei Dom José o I, nosso Senhor, e lhe faço preito e homenagem, segundo o fôro e costume destes seus Reinos”.

Afastada para o lado esquerdo a cadeira em que se encontravam o Missal e a Cruz, para permitir o beija-mão de Sua Majestade, teve início o juramento dos súditos de Dom José.

O primeiro a fazê-lo foi o infante D. Pedro; logo a seguir, foi “beijar a mão de Sua Majestade, que lha deu com cumprimento, levantando-se em pé, tirando-lhe o chapéu, e lançando-lhe os braços ao pescoço”. Neste momento, o conde de São Lourenço, como Alferes-mor, desenrolou a Bandeira Real.

Seguiram-se os dois outros infantes, D. Antônio e D. Manuel, que “receberam de Sua Majestade as mesmas demonstrações referidas com o Senhor Infante D. Pedro”. Vieram, depois, o Senhor D. João e o duque de Cadaval.

Acabados estes juramentos, proclamou o Rei de Armas em voz alta:

“Manda El-Rei Nosso Senhor, que neste Auto venham jurar e beijar a mão os Grandes, Títulos Seculares e Eclesiásticos, e mais pessoas da Nobreza, assim como se acharem, sem precedências, nem prejuízo do direito de alguém”.

Iniciou-se, então, o desfile da nobreza lusitana: em primeiro lugar, os marqueses; depois, os condes e demais titulares do reino, “sem entre eles haver precedência”. Cada um colocou a mão direita sobre a Cruz e o Missal, dizendo — “Eu assim o juro”, indo, depois, beijar a mão do Rei. Vieram, em seguida, as demais autoridades civis e eclesiásticas, os ministros dos Tribunais, os donatários da Corôa, alcaides-móres e fidalgos, “os quais foram jurar, assim como podiam chegar ao estrado e lugar do juramento, sem entre eles haver outrossim precedências”, porque, esclarece o meticoloso cronista, “guardando-se a ordem delas, haviam de jurar primeiro os

do Conselho, e depois Senhores de Terras, e logo os Alcaides-Mores”.

Isto feito, disse o Rei ao Secretário de Estado que “aceitava os ditos juramentos, preitos e homenagens, que se lhe haviam feito”, o que levou o referido Secretário de Estado a subir ao centro do estrado grande e proclamar em voz alta:

“El-Rei Nosso Senhor aceita os juramentos, preitos e homenagens, que os Grandes, Titulos Seculares e Eclesiásticos e mais pessoas da Nobreza, que estais presentes, agora lhe fizestes”.

Terminada esta proclamação, exclamou o Rei de Armas: “Ouvide, ouvide, ouvide, estai atento”; e, logo após, o Alferes-mor, trazendo desenrolada a Bandeira Real, disse em voz alta:

“Real, Real, Real, pelo muito Alto e muito Poderoso Senhor El-Rei Dom José I, Nosso Senhor”.

Palavras estas que foram repetidas pelos Reis de Armas, Arautos e Passavantes, que se encontravam na varanda; e puseram-se a tocar os menestréis.

Em seguida, o Alferes-mor, após reverenciar o monarca aclamado, sempre empunhando a Bandeira Real e fazendo-se acompanhar pelos Reis de Armas, Arautos, Passavantes, Porteiros da Maça e Porteiros da Casa, percorreu a varanda, a repetir as mesmas palavras atrás citadas. Foi o momento culminante da grande cerimônia:

“...e a gente do Povo começou a dar vivas, com grande alvoroço e alegria, em repetidas vêzes aclamando a Sua Majestade por seu Rei e Senhor, e fazendo outras expressivas ações em demonstração do amor e lealdade com que os Portuguezes sabem venerar a seus Reis naturais. A êste tempo, repicaram os sinos das Sés e mais igrejas da cidade, festejando geralmente a solenidade dêste Auto”.

Estava terminada a cerimônia de caráter civil e temporal; restava, ainda, a parte pròpriamente religiosa — o *Te-Deum*.

IV. — O solene “Te-Deum”.

Ouviu-se, então, ainda uma vez, a voz do Rei de Armas, que ordenou, em nome do Rei:

“Manda El-Rei Nosso Senhor que o não acompanhem mais que os que vieram com Êle”.

E, de novo, fizeram-se ouvir os menestréis, as charamelas, as trombetas e os timbales.

A seguir, dirigiu-se D. José para a Basílica Patriarcal. Levava o cetro na mão, encostado ao peito, e caminhou rente à balaustrada da varanda, para que o povo pudesse vê-lo. Parou por diversas vezes, voltando-se para a multidão, que o saudava com incessantes vivas “e inexplicáveis demonstrações da sua fidelidade e a alegria, conciliada pelas heróicas virtudes, gentil e majestosa presença de Sua Majestade”, o que permitiu ao cronista que pudesse “atestar dos íntimos e ocultos votos dos fiéis corações dos seus vassallos a ternura das lágrimas, que nos olhos lhes fazia produzir o entranhável amor do seu soberano”.

Esperavam-no na Basílica o barão-conde de Oriola e os Vereadores, com suas varas nas mãos, além do Cardeal Patriarca e outros “principais” do clero, paramentados “como para Vésperas”.

A cerimônia religiosa iniciou-se com o transporte do Santo Lenho, sob o pátio conduzido por 8 monsenhores, recobertos com as capas de asperges de tela branca e trazendo as mitras na mão, “pois nunca se cobriram”. Rodeavam-nos 24 membros do clero, trazendo tochas.

Chegando o Rei (e já estando na tribuna real a Rainha e as Infantas), ajoelhou-se sobre uma almofada de brocado, colocada sobre uma alcatifa de sêda, e beijou a Santa Relíquia, que lhe foi oferecida pelo Cardeal Patriarca. A seguir, encaminharam-se todos para o Altar-mor, iniciando-se a música do “Te Deum Laudamus”, acompanhada por dois órgãos. No Altar-mor, encontravam-se os riquíssimos castiçais de “lapis-lazuli”, que só eram usados por ocasião de cerimônias reais. “Os músicos foram continuando com tal medição a cantoria do hino que, às palavras *Te ergo quaesumus*, chegou e ajoelhou Sua Majestade no seu genuflexório”. Dispostos em seus devidos lugares os sacerdotes celebrantes, os Infantes e os Grande do Reino, cantou o Cardeal os versos e as orações do ritual, após o que deu, com a Cruz, três bênçãos, que todos receberam de joelhos.

Terminada a cerimônia litúrgica, oraram o Rei e o Cardeal Patriarca na Capela do Santíssimo Sacramento; e, em seguida, retirou-se o monarca, com as reverências do estilo, por entre alas de seus acompanhantes. Fizeram-se ouvir, de novo, os menestréis, charamelas, trombetas e timbales; e Sua Majestade recolheu-se à sua Câmara, acompanhado pelo seu séquito.

Desta maneira, naquela tarde de 7 de setembro de 1750, encerrou-se a imponente cerimônia da aclamação de El-Rei Dom José o I, pela Graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves, daquém e dalém mar, em África, Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia.

AROLDO DE AZEVEDO

Da Universidade de São Paulo

AUTO DA ACCLAMAÇÃO D'EL REI D. JOSE'.

Em nome de Deos Amen, Saibão quantos este Auto, e Instrumento, feito por mandado de ElRei Nosso Senhor virem, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos e cincoenta, a sete do mez de Setembro de dito anno em segunda feira á tarde, nesta Cidade de Lisboa, nos Paços da Ribeira della, onde ora está o muito Alto, e muito Poderoso o Fidellissimo Senhor ElRei D. Joseph o Primeiro de Portugal, nosso Senhor, Filho Legitimo, Herdeiro, e Successor de ElRei D. João Quinto nosso Senhor, que Santa Gloria haja, e da Rainha D. Maria Anna de Austria, Viuva, nossa Senhora; se fez o Levantamento, e Juramento de Sua Magestade na Corôa destes seus Reinos, e Senhorios de Portugal, em que succedeo ao dito Senhor Rei D. João Quinto seu Pai pelos Grandes, Titulos Seculares, Ecclesiasticos, e mais Pessoas da Nobreza, que se acharão presentes, na forma que ao diante se dirá. O qual Auto se fez com toda a solemnidade a elle devida, e com todas as circumstancias, e cerimonias costumadas em semelhantes Autos, perante mim Pedro Norberto de Aucourt e Padilha, Escrivão da Camara de Sua Magestade, Fidalgo da sua Casa, e seu Notario Publico para o dito Real Auto por especial Alvará do dito Senhor(que no fim deste Instrumento irá trasladado, (1) e Balthazar Telles Sinel de Cordes já fallecido, sendo presentes as testemunhas ao diante nomeadas.

Para se celebrar este Auto da feliz Acclamação de Sua Magestade, se fabricou huma varanda, que principiando no mesmo pavimento da Sala dos Tudescos, por onde tinha a entrada, hia rematar no Torreão do Forte com trezentos e setenta palmos de comprido, e quarenta de largo: era toda a fabrica de madeira fingindo pedra, com tal artificio, e magestade, que supprindo a differença da materia com os ornatos da architectura, fazia huma bellissima prespectiva. Centavão-se quasi vinte e dous palmos do plano do Terreiro do Paço até ao pavimento, e desde até o tecto, e cobertura da dita varanda, quarenta e dous entre a base, columna, capitel, e cimalha. Estava sustentada em dezeseis columnas, que ligadas com huma balaustrada, que fazia face ao mesmo Terreiro, e com festões de seda, franjas, e borlas de ouro, que medeavão nos seus intervalos, fazião tal harmonia aos olhos, que se não podia ver sem admiração, e respeito; tudo dirigido pela sabia conducta de D. Henrique José da Costa e Sousa, Conde de Soure, Provedor das Obras Reaes, que soube desempenhar a magnificencia da Obra, que pedia a grandeza da função.

Estava a dita varanda toda coberta de damasco, e veludo carmezim, e guarnecida de galões, e franjas de ouro; e todas as janellas que o Paço tem naquella fronteira, guarnecidas com cortinas, e safnas preciosas, e occupadas de todas as Damas, Titulares, e Senhoras illustres da Côrte, fazendo tão nobre objecto, que competindo o

(1). — Há o Alvará de 6 deste mez e anno, que vai no seu lugar competente.

agradavel com o magestoso, não se pode decidir qual fazia o primeiro emprego da admiração.

Era devidido o pavimento em seis degrãos com proporcionadas distancias ao exercicio, que devião ter, e sendo pouca a elevação com que se distinguião, estavam todos cobertos de preciosas alcatifas, pertencendo o ultimo ao Throno, e ao Auto de Juramento, que se havia de fazer a Sua Magestade Fidelissima, no qual se via hum magnifico Docel de tapeçaria; que tinha vinte e cinco palmos de altura, e treze de largo, com cadeira, alcatifa, e sitial da mesma materia, que composta de finissimas sedas, ouro, e prata, demonstrava varias figuras, e emblemas, onde a destreza do Artifice; quiz mostrar com a pontualidade do debuxo, e com a formosura do colorido, que sabia escurecer com as subtilizas da agulha os primores do pincel. No panno espaldar do Docel estavam as Armas de Portugal sustentando a Corôa, que as cobria Marte, e Pallas, e na parte inferior presos entre muitos troféos militares diversos barbaros. Na parte superior do mesmo Docel, se via huma Estrella em huma tarja com a letra: *A'summo Coelo egressio ejus*. Quatro emblemas estavam debuxados, dous de cada parte da cercadura do Docel, sendo o primeiro huma mão com o Sceptro, e a letra: *Fecit potentiam in brachio suo*. O segundo huma figura sustentando o Escudo das Armas Portuguezas com a letra: *Fundamenta ejus in montibus sanctis*. O terceiro huma Náu sulcando o mar, com a letra: *À solis ortu usque ad occasum*. O quarto hum raio despedido das nuvens, com a letra: *Turbabuntur gentes, et timebunt*. Superior ao Escudo das Armas de Portugal se representavão no espaldar do Docel a Fama tocando em huma trombeta, e pouco abaixo a figura da justiça, e a da Abundancia, espalhando grande copia de moedas de ouro, com varios Genios allusivos a estas virtudes.

Na parte do Docel, que cobria a cadeia, em que Sua Magestade estava sentado, se via huma figura de mulher sustentando com tres Genios a Corôa, e o Sceptro, e por baixo a letra: *Ecce constitui te super gentes, et regna*.

Finalmente ainda que não seja para admirar a magnificencia dos Reis, era com tudo este todo hum desempenhado da arte, e huma admiração; dos Estrangeiros, que concorrerão em grande numero a vê-lo nos dias em que esteve exposto, e não cessavão de encarecer o valor, e estimação, e exquisiteso gosto de tão preciosa alfaia; e sendo o material da Cadeira prata massiça dourada, ainda excedia a preciosidade do metal, o artificio, a delicadeza, com que em debuxo, e relevantes era formada.

A mão esquerda estava a Tribuna de Augustissima Rainha nossa Senhora, servindo de magnifico Throno a tanta Magestade: era ornada de veludo carmezim, bordado de ouro, com sitial do mesmo, tão primorosamente obrado, que no brilhante demonstrava mais alto valor ao ouro; e sendo tanto o da sua contextura, ainda era mais estimavel pelo raro.

Com a Augustissima Rainha Nossa Senhora estavam a Senhora Princeza do Brasil, as Senhora Infantas D. Maria Anna, D. Maria Francisca Dorothea, e D. Maria Francisca Benedicta, que todas com os resplandores da Magestade fazião mais luzido objeto, que a mesma profusão dos brilhantes, e perolas, com que se adornavão.

Atras de Sua Magestade assistio a Camareira-Mór D. Anna de Lorena, authorisando o seu lugar com o alto nascimento, natural res-

peito, e gravidade de que se reveste. Igualmente assistirão neste lugar os Eminentísimos, e Reverendísimos Cardeaes da Cunha, e Manoel; e o Conde de Atalaya, Marquez de Tancos, Mordomo-Mór da Rainha Nossa Senhora; e o Visconde de Villa-Nova da Cerveira, Estribeiro-Mór da mesma Senhora.

No Terreiro do Paço se formarão os Regimentos de Infantaria, e Cavallaria da Côrte, em duas linhas de Batalha, para assistirem assim postados em quanto durava o Auto do Juramento, e Acclamação. Fazia a primeira linha o Regimento de que foi Coronel o Conde de Coculim, commandado pelo Capitão Mandante Manoel Simões, pelo impedimento de molestia, que padecia o Sargento-Mor Manoel de Beça, que governa o Regimento. Cobrião os lados deste Regimento dous Esquadrões de Cavallaria, commandados pelo Capitão Mandante Luiz de Saldanha da Gama, tendo a direita no arco chamado dos Pregos, e a esquerda na Vedoria.

Fazia a segunda linha o Regimento do Monteiro-Mór do Reino, commandado pelo Capitão Mandante Diogo Gomes de Moura, cobertos os seus lados por dous Esquadrões do Regimento do Caes, que cobria o seu proprio Coronel José Bernardo de Tavora, como tambem toda a acção, por ser official de maior Patente.

Na rectaguarda das duas linhas se formava hum Corpo de reserva com os terceiros Esquadrões dos dous Regimentos de Cavallaria.

Estava de Ordens o Ajudante dellas D. Rodrigo Antonio de Noronha, que montando a cavallo as distribuia pelos Regimentos a que pertencião.

No Corpo da Guarda esteve huma Companhia da Marinha com o Capitão Henrique Nunes, Cavalleiro da Ordem de Christo.

Postados assim esperarão apparecesse Sua Magestade a quem, logo que appareceo, fizerão continencias de espontão, e espada os Officiaes da Infantaria, e Cavallaria, e os Soldados apresentarão as armas, e nesta forma se conservarão em quanto duro o Auto. Na retirada de Sua Magestade, lhe derão tres vivas os Soldados; os Officiaes lhe fizerão as continencias, como no principio; e recolhido ElRei se retirarão as Tropas.

Ao pé da Varanda no mesmo Terreiro do Paço estiverão tambem em ala os Soldados da Guarda de Sua Magestade, com os Tenentes da mesma guarda a cavallo, Diogo Botelho da Motta e Carvalho, José Rodrigues de Almeida, e Clemente Joaquim Raposo de Andrade.

Todo o mais Terreiro do Paço, Janellas, e telhados estava coberto de innumeravel gente.

Já aos alvoroços impacientes de acclamar o seu Principe, tardavão na fidelidade Portugueza as duas horas e meia, em que baixou Sua Magestade da sua Camara. Principiava o acompanhamento pelos Porteiros da Cana, huns com as canas nas mãos, e outros com as massas de prata aos hombros: seguirão-se os Reis de Armas, Arautos, e Passavantes com as suas Cotas de Armas, e logo os Moços da Camara, e a estes todos os Grandes, e Titulos em duas alas com os Officiaes da Casa no meio; todos com as suas insignias: depois os Secretarios d'Estado Diogo de Mendonça Corte Real, fazendo o Officio de Escrivão da Puridade, e Sebastião José de Carvalho, e no meio o Duque de Lafões, que teve aviso para acompanhar Sua Magestade, como Regedor que era das Justiças, com a sua insignia na mão. Quatro passos adiante de Sua Magestade vinha o Senhor D. João, e á sua esquerda o Duque do Cadaval, logo o Marquez de Gou-

vêa D. José Mascaranhas, Mordomo-Mór, e Presidente do Desembargo do Paço, e no mesmo andar o Conde de Obidos D. Manoel de Assis Mascarenhas, Meirinho-Mór, com a vara na mão; mais atrás o Conde de S. Lourenço D. João José Amsberto de Noronha, fazendo o Officio de Alferes-Mór, por se achar doente o Conde de Sabugosa Luiz Cesar de Menezes, com a Bandeira enrolada; immediato a Sua Magestade vinha o Senhor Infante D. Pedro vestido em corpo, descoberto, fazendo a função de Condestavel do Reino, com o estoque na mão, levantado, e desembainhado; juntos a Sua Magestade os Senhores Infantes D. Antonio, e D. Manoel igualmente descobertos, com os seus Camaristas Ayres de Saldanha, e D. Rodrigo de Lencastre.

Vinha sua Magestade com opa roçagante de chamma branca de prata, com huma cercadura de mais de palmo, bordada de ouro, e semeada em proporcionadas distancias com as divisas dos Castellos, e Quinas do Escudo Real, forrada de outra chamma carmezim, e ouro, com murça irmãa tambem bordada de ouro, sustida com huma presilha de sete preciosos diamantes brilhantes: o vestido de huma agradável côr cinzento, e liso, em razão da Pragmatica: o habito de Christo todo de diamantes brilhantes de extraordinaria e pasmosa grandeza: a presilha do chapeo o espadim, e fivellas erão tambem de brilhantes de grande valor. Pegava na cauda do Manto Real, que tinha de cumprimento vinte e dous palmos o Marquez de Marialva D. Pedro de Menezes Gentil-Homem da Camara de Sua Magestade, que se achava de semana: logo atrás o Eminentissimo, e Reverendissimo Patriarcha, como Capelão-Mór; Arcebispos, Bispos, e Principes, que se achavão na Côrte, e as mais Pessoas Ecclesiasticas que tinham lugar neste acompanhamento.

Ao entrar Sua Magestade no lugar do dito Auto com este acompanhamento, tocarão os Menistres, Charamellas, Trombetas e, Timbales, os quaes não vierão adiante de Sua Magestade, como he costume em semelhantes Levantamentos, e Juramentos dos Reis destes Reinos, quando entrão na Corôa delles, por ser pouco a distancia do aposento de Sua Magestade ao lugar do dito Auto, e se pizerão logo os taes Ministres donde havião de ficar: e para que Sua Magestade fosse visto do Povo, que estava no Terreiro do Paço, veio andando por junto das grades da dita Varanda; e a gente, que nella se achava, se chegou para a banda da parede. Todas as Senhoras da Côrte, que occupavão as janellas do Paço, se humilharão com profunda reverencias; e ElRei nosso Senhor, dispensando com a Magestade, urbanamente fez por tres vezes a acção de querer tirar o chapeo, ampliando os privilegios daquelle illustre sexo, em lhe não isemtpar do cortejo a mesma Soberania.

Chegando Sua Magestade ao estrado pequeno, tirando o chapeo se saudarão reciprocamente as Magestades, e logo subio ao dito estrado o Conde de Castello-Melhor José de Vasconcellos e Sousa, Reposteiro-Mór, descobriu a Cadeira, e Sua Magestade se sentou nella, tomando da mão do Marquez de Marialva D. Pedro de Menezes, Gentil-Homem da sua Camara, hum Sceptro de ouro esmaltado, que o Thesoureiro da Casa Real José Victorino Holbeche, Fidalgo da mesma, tinha em huma rica salva de prata dourada.

Assentado Sua Magestade, se pôz á sua mão direita na borda do estrado pequeno, em pé, e descoberto como vinha, o Senhor Infante D. Pedro Condestavel deste Reino, com o estoque nas mãos. levantado; e da mesma parte direita no mesmo estrado pequeno, ficarão mais proximos, tambem em pé, e descobretos os Senhores.

Infantes D. Antonio, e D. Manoel; porque em semelhantes Autos ninguém tem assento, nem se cobre. O Marquez de Marialva Gentil-Homem da Camara ficou atrás da Cadeira, em que Sua Magestade estava sentado, e em baixo do estrado grande da parte direita estavam os Camaristas de Suas Altezas.

Ao assentar-se ElRei nosso Senhor, o movimento lhe voltou a presilha da opa Real; o Senhor Infante D. Antonio ajoelhando a tornou a compôr com aquella reverencia, que lhe inflamava o amor do sangue, e o respeito de Vassalo, fazendo-se plausivel esta circumstancia no dia mais fausto da nossa idade.

Da mesma parte direita de Sua Magestade, em cima do estrado grande, e immediatos ao ultimo degráo do estrado pequeno, estava o Eminentissimo e Reverendissimo Cardeal Patriarcha, o Senhor D. João, e o Duque do Cadaval D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello.

Da parte esquerda immediato ao degráo do estrado pequeno, o Secretario d'Estado Diogo de Mendonça Corte Real, o Marquez de Gouvêa D. José Mascaranhas, Mordomo-Mór, e Presidente do Desembargo do Paço, e junto a elle o Conde de Obidos D. Manuel de Assis Mascaranhas, Meirinho-Mór; D. José Miguel João de Portugal, Marquez de Valença, Presidente da Mesa da Consciencia, D. Joaquim Francisco de Sá Almeida e Menezes, Marquez de Abrantes, e Gentil-Homem da Camara de Sua Magestade, e Védor da Sua Real Fazenda; D. Diogo de Noronha, Marquez de Marialva, Estribeiro-Mór, Gentil-Homem da Camara, e Governador das Armas junto á Pessoa; Luiz Bernardo de Tavora, Marquez de Tavora; D. Fernando Mascarenhas, Marquez de Fronteiro; D. Antonio Caetano Luiz de Sousa, Marquez das Minas; D. João Carlos de Bragança Sousa e Ligne, filho do Senhor D. Miguel; Fernando Telles da Silva, Marquez de Alegrete, Gentil-Homem da Camara, e Deputado da Junta dos Três Estados, D. Pedro José de Noronha, Marquez de Angeja, Gentil-Homem da Camara, e Deputado da Junta dos Três Estados; D. Francisco Xavier Rafael de Menezes, Marquez do Louriçal; D. Estevão de Menezes, Marquez de Penalva, e Presidente do Conselho Ultramarino.

D. Jeronimo de Atayde, Conde de Atouguia; Francisco de Sousa Coutinho Castello Branco, Conde de Redondo, e Védor da Casa Real; D. Pedro de Lencastre, Conde de Villa-Nova, Commendador Mór da Ordem de Aviz, Védor da Fazenda Real; D. Francisco José Miguel de Portugal, Conde do Vimioso; D. Vasco Luiz da Gama, Conde da Vidigueira, José de Vasconcellos e Sousa, Conde de Castello Melhor, e Reposteiro-Mór; D. Martinho Mascarenhas, Conde de Santa Cruz; D. Luiz Manoel de Sousa Menezes, Conde de Villa-Flor, e Copeiro Mór; D. Antonio Manoel de Sousa e Menezes, Conde Villa-Flor; D. Sancho de Faro e Sousa, Conde do Vimeiro; D. Thomaz de Noronha, Conde dos Arcos; Nuno de Mendonça, Conde de Val de Reis, Deputado da Junta dos Tres Estados; D. Rodrigo Xavier Telles de Menezes Castro e Silveira, Conde de Unhão, Gentil-Homem da Camara, e Védor da Fazenda; João Xavier Telles de Menezes, Conde de Unhão, Gentil-Homem da Camara, D. Thomaz José Botelho de Tavora, Conde de S. Miguel; D. João de Almeida, Conde de Assumar, Védor da Casa Real; Carlos Carneiro de Sousa, Conde da Ilha; D. Antonio Maria de Mello, Conde de S. Lourenço; D. Duarte Antonio da Camara, Conde de Aveiras, Védor da Rainha Mãe Nossa Senhora; Francisco da Silva Tello de Menezes, Conde de Aveiras; D. Henri-

que José Francisco da Costa e Sousa, Conde de Soure, Provedor das Obras Reaes; D. João Antonio Francisco Domingos Bento da Costa e Sousa, Conde de Soure; Manoel Telles da Silva, Conde de Villar-Maior, Capitão da Guarda Real; D. José Francisco Lobo da Silveira, Barão Conde de Oriola, Gentil-Homem da Camara, e Presidente do Senado; D. Fernando Lobo da Silveira, Conde de Oriola; D. Antonio de Noronha, Conde de Villa-Verde; Miguel Carlos da Cunha e Tavora, Conde de S. Vicente; Lourenço Antonio de Sousa da Silva e Menezes, Conde de Santiago, Aposentador Mór; D. Antonio de Castello-Branco, Conde de Pombeiro; D. Francisco Mascarenhas, Conde de Coculim, Gentil-Homem da Camara do Senhor Infante D. Antonio; D. Joaquim Mascarenhas, Conde de Coculim; Antonio de Mello e Castro, Conde das Galvêas; D. Alvaro de Noronha e Castello-Branco, Conde de Valladares; Deputado da Junta dos Tres Estados; Luiz Vasques da Cunha e Ataide, Conde de Povolide, Presidente da Junta do Tabaco, e Gentil-Homem da Camara do Senhor Infante D. Antonio; José da Cunha e Ataide, Conde de Povolide; D. Thomaz Xavier de Lima Nogueira e Vasconcellos, Visconde Villa-Nova da Cerveira; Luiz Xavier Furtado de Mendonça, Visconde de Barbacena; Diogo Corrêa de Sá, Visconde de Asseca; Luiz de Sousa de Macedo, Barão da Ilha Grande.

Da parte direita por detrás do Eminentissimo, e Reverendissimo Cardeal Patriarcha Senhor D. João, e o Duque de Cadaval, estavam o Arcebispo de Lacedomonía D. José Dantas Barbosa, o Bispo de Porto Alegre D. João de Azevedo Osorio, e o Bispo de São Paulo D. Frei Antonio Galvão.

O Principal D. Filippe de Sousa, Deão da Santa Igreja de Lisboa, o Principal D. Gonçalo Coutinho, o Principal D. João de Sousa da Silveira, o Principal Martinho Monteiro de Azevedo, o Principal Agostinho de Vasconcellos Roham, o Principal João de Mello, o Principal Francisco de Salles da Camara, o Principal D. José de Menezes, o Principal D. Luiz de Noronha, o Principal D. Pedro de Menezes, o Principal D. Francisco de Menezes, o Principal Manoel Xavier Telles, o Principal José Joaquim de Vasconcellos, o Principal Manoel Alexandre da Costa, o Principal Lazaro Leitão Aranha, o Principal D. Rodrigo de Moura, o Principal D. Antonio de Saldanha, o Principal D. Thomaz de Almeida, o Principal D. Diogo de Almeida Portugal, e o Principal D. João de Almeida Alarcão.

Manoel Antonio de Mello, Porteiro-Mór, D. Francisco Xavier de Sousa, Vêdor de Sua Magestade; D. Manoel de Sousa, Capitão da Guarda Real Alemã; D. Antonio José de Castro, Almirante, e Capitão da Guarda Real; José Antonio de Vasconcellos, Trinchante; Fernando Telles da Silva, Monteiro-Mór do Reino; Lourenço Gonçalves da Camara, Almotacé-Mór; D. José Estevão da Costa, Armeiro-Mór; D. Antão de Almada, Mestre-Sala; Fr. Pedro de Mendonça, Geral da Ordem de S. Bernardo, Esmoler-Mór, do Conselho de Sua Magestade; Antonio Velho da Costa, Corregedor do Crime da Côrte, e Casa.

No segundo degrão do estrado grande estiverão os Ministros do Senado em corpo de Camara, e dahí para baixo os Ministros do Tribunal do Desembargo do Paço, os do Conselho Geral do Santo Officio, Conselho da Fazenda, Mesa da Consciencia, Casa da Supplicação, Conselho Ultramarino, Junta dos Tres Estados, Junta da Administração do Tabaco, e outros mais Ministros: e no pavimento antes de chegar ao primeiro degrão do estrado grande, estiverão os Reis de Armas, Arautos, Passavantes, Porteiros da Maça, e depois delles se

seguirão os Senhores de Terras, Donatarios da Corôa, Alcaides-Móres, e Fidalgos, que se acharão presentes, nos lugares, em que cada hum se achou, e melhor pode estar, todos em pé, cujos nomes se escrevem aqui, assim como se poderão ir tomando, e são os seguintes.

Os Doutores Francisco Luiz da Cunha de Ataíde, Chanceller-Mór; José Vaz de Carvalho, Chanceller da Casa da Supplicação, Secretario da Rainha Mãe Nossa Senhora, e do Senhor Infante D. Manoel; Manoel de Almeida de Carvalho, Secretario da Rainha Nossa Senhora; Manoel Gomes de Carvalho, Procurador da Corôa, e Alcaide-Mór de Alcoutim; Fr. Sebastião Pereira de Castro, Commisario Geral da Bulla da Cruzada; Fernando Pires Mourão, e Ignacio da Costa Quintella, todos do Conselho de Sua Magestade, e seus Desembargadores do Paço; João Galvão Castello Branco Escrivão da Camara de Sua Magestade, Commendador de Santa Eulalia de Vila-Meã; os mais Escrivães da Camara não assistirão por estarem impedidos.

Os desembargadores Diogo de Sousa Mexia, Antonio de Andrade Rego, Antonio Sanches Pereira, João Marques Bacalhão, Antonio Teixeira Alvares, Paulo José Corrêa, Procurador da Fazenda, Fernando Affonço Giraldes, Gonçalo José da Silveira Preto, Commendador das Commendas de Monção, e outra, Alcaide-Mór da mesma Villa, e Donatario de S. Miguel Dache, e Duarte Salter de Mendonça, todos do Conselho de Sua Magestade, e do de sua Real Fazenda, e Fidalgos da sua Casa; Sebastião José da Gama Lobo, e José Felix Rebello, Escrivães da Fazenda, e Fidalgos da Casa Real.

Os desembargadores Filippe Maciel, Conservador das Ordens Militares e Conego na Sé de Elvas; José Ferreira de Horta; Filippe de Abranches Castello-Branco, Commendador de S. Pedro de Lourosa; José Simões Barbosa e Azambuja; Fernando José de Castro, e Manoel da Costa Mimoso, Fidalgo da Cosa Real; José Rebello do Vadre; Dionysio Esteves Negrão; e Manoel Ferreira de Lima, todos Deputados da Mesa da Consciencia; Domingos Pires Bandeira, Escrivão da Camara de Sua Magestade do Despacho do dito Tribunal; João Velho da Rocha Oldemberg, Francisco Luiz de Azevedo Coutinho, e Antonio José Corrêa Manoel de Aboim, Escrivães da Camara dos Mestrados das Ordens de Christo, Aviz, e Santiago.

Os Inquisidoras Fr. Rodrigo de Lencastre, Nuno da Silva Telles, Antonio Ribeiro de Abreu, Francisco Mendo Trigoso, João Paes do Amaral, todos do Conselho de Sua Magestade, e do Geral do Santo Officio.

Os Desembargadores Alexandre Metello de Sousa e Menezes, Fidalgo da Casa Real, e Commendador de S. Maria de Almeida; Rafael Pires Pardino; Alexandre de Gusmão, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e Alcaide Mór de Picoinha; Thomé Joaquim da Costa Corte Real, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Senhor de Alvoças Velhas Commendador da Commenda de S. Lourenço, e Alcaide Mór das Villas de Ribarcôa, e Cadaval; Antonio Freire de Andrade Henriques; Luiz Borges de Carvalho; Fernando José Marques Bacalhão, Fidalgo da Casa Real; Diogo Rangel de Almeida Castello-Branco, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Commendador de S. Romão de Monsarás na Ordem de Christo, e Alcaide Mór da Villa do Vimioso; todos do Conselho Ultramarino; e o Secretario do mesmo Conselho Joaquim Miguel Lopes do Lavre, Commendador das Commendas de Santa Margarida da Matta, e da Galva, Alcaide Mór de Celorico da Beira, Senhor, e Donatario do Regoengo da Carvoeira.

Os desembargadores Gaspar Ferreira Aranha, Manoel Martins Ferreira, José Bostoque, Manoel de Campos e Sousa, e Felipe Ribeiro da Silva, Vereadores do Senado da Camara: e o Escrivão della, Procuradores da cidade, Juiz do Povo, e Casa dos Vinte e Quatro.

Os Desembargadores Francisco de Santa Barbara e Moura, e Luiz Manoel de Pina, Juizes da Corôa, e Fazenda; Antonio Coelho de Meirelles, Corregedor do Crime da Côte. Os Desembargadores de Aggravos José Cardoso Castello, Pedro Velho de Lagoar, Pedro Gonçalves Cordeiro, Francisco Lopes de Carvalho, Manoel de Sequeira e Silva, Simão da Fonseca e Sequeira, Ignacio José de Figueiredo, Theotônio Ferreira da Cunha, José da Costa Ribeiro, João Pinheiro da Fonseca, José Carvalho Martins, Francisco Xavier Porcile, e João Ignacio Dantas Pereira; Bento da Costa de Oliveira e Sampaio, e Antonio José da Fonseca Lemos, Corregedores do Civil da Corte: Sergio Justiniano de Oliveira, e Sebastião Mendes de Carvalho, Ouvidores do Crime. Os Desembargadores Extravagantes Braz do Valle, Francisco Galvão da Fonseca, Antonio Ferreira de Mendonça, João de Sousa Caria, Estevão Galego Vidigal, Diogo de Almeida de Azevedo, José de Moraes Machado, Estevão Fragoso Ribeiro, José Ricalde Pereira de Castro, Jacinto da Costa e Vasconcellos, Francisco Xavier de Oliveira, Gregorio Dias da Silva, Amador Antonio de Sousa Bernardes de Torres, Ignacio Ferreira Soufo, João Caetano Torel, Antonio Alvares da Cunha, João Antonio Cogominho de Vasconcellos, João de Azevedo Barros, e Francisco Xavier Morato Broa.

E todos os Academicos da Academia Real, que forão avisados para assistirem a este Auto.

O Padre João Moreira da Companhia de Jesus, Confessor de Sua Magestade; o Padre José de Andrade, Provincial da Companhia de Jesus; o Padre João de Seixas, Preposito da Casa Professa de S. Roque; o Padre Francisco da Veiga, Reitor do Collegio de Santo Antão; o Padre Rodrigo de Sá, Preposito da Congregação de S. Filippe Neri; o Padre D. Francisco da Anunciação, Geral da Ordem de S. Vicente; o Padre Fr. Francisco da Annunciação, Geral da Ordem de S. Jeronimo; o Padre Fr. Silvestre de Santo Thomaz, Provincial da Ordem de S. Domingos; o Padre Fr. João de Souto Maior, Provincial da Ordem de Santo Agostinho; o Padre Fr. Francisco de Santa Anna, Provincial da Ordem da Santissima Trindade, e outros Prelados, e Religiosos de varias Religiões.

Antonio Telles da Silva, Senhor da Villa de Ficalho, Mestre de Campo General, Conselheiro de Guerra, e Governador da Fortaleza de S. Julião da Barra; D. Braz Balthazar da Silveira, Mestre de Campo General, Conselheiro de Guerra, e Governador da Torre do Outão; D. Filippe de Sousa, filho de D. Manoel de Sousa; Francisco de Mello; Antonio José de Mello seu filho; Diogo José de Mello filho do mesmo; Francisco de Mello, filho de Fernando Telles da Siva, Monteiro Mór; José Maria de Tavora, fiho do Marquez de Tavora; Tristão de Mendonça Furtado, filho de José de Mendonça; Fernando Xavier de Miranda Henriques; Pedro da Cunha de Mendonça, filho de D. Carlos de Menezes; Tristão da Cunha, filho do mesmo, Conego da Santa Igreja Patriarchal; D. José da Costa, Cavalleiro de Malta, filho do Conde de Soure; João de Tavora, filho do Conde de Alvor; Manoel de Tavora Camarista do Senhor Infante D. Pedro, Luiz de Miranda Henriques, filho de Fernando Xavier de Miranda Henriques; Pedro de Miranda, filho do mesmo; D. José de Me-

nezes e Tavora, Vêdor da Casa da Rainha Mãi Nossa Senhora; Bernardo de Almada Castro e Noronha, Senhor Donatario das terras de Carvalhaes, e Villas de Ilhavo, Ferreiros, e Anciães de cima, Provedor da Casa da India e Mina, e Commendador da Ordem de Christo; e José Felix da Cunha, Vêdores da Casa da mesma Senhora; D. Carlos José Bento de Menezes, Vêdor da Casa da Rainha Nossa Senhora, José Antonio de Saldanha, filho de Ayres de Saldanha; D. Manoel de Portugal, filho do Marquez de Valença; D. Diniz de Almeida; D. Antonio José de Mello Homem; Rodrigo de Figueiredo; Gonçalo Xavier da Costa; Francisco de Tavora; D. Luiz de Sousa; D. João de Mello, D. Thomaz Botelho e Tavora, filho do Conde de São Miguel; D. Francisco de Noronha, filho do Conde dos Arcos; D. Fernando de Lima, filho do Visconde de Villa Nova da Cerveira; D. Manoel Lobo, filho do Barão Conde; D. Lourenço de Almada; D. Gastão José Coutinho; Nuno de Tavora; João Pedro de Mendonça Corte Real e Sequeira, Senhor da Torre de Palma de juro e herdade, Commendador das Commendas de Meda, e Muxagata, de que he Alcaide-Mór, e das Commendas de Santa Maria de Trancoso, e das Vidigueiras, todas na Ordem de Christo; Joaquim Manoel Ribeiro Soares; D. Antonio da Silveira, Luiz Guedes de Miranda, Senhor de Murça; Francisco Albuquerque Coelho de Carvalho, Commendador das Commendas de Santa Maria de Cêa, de S. Martinho das Moutas, e de S. Ildefonso de Val de Telhas, na Ordem de Christo, e das Commendas na Ordem de Santiago na Vila de Setubal, Senhor Donatario do Couto de Outil, e das Capitancias Mores de Cumá, e Camutá no Estado do Maranhão; Luiz Thomaz de Lemos de Carvalho e Vasconcellos, Donatario das Villas da Trofa, e Alfarella, Conselho de Jalles, Casaes de Costovões, e do Rio Vouga e Direitos Reaes da Ponte, e Barca de Almeira; D. João Luiz de Menezes, Senhor da Barca; Sebastião de Castro de Lemos, Alcaide-Mór da Villa do Conde; Antonio Sodré, Senhor de Agoas-Bellas; José de Figueirôa Pinto, Donatario de Portocarneiro, Commendador de Santa Maria Magdallena de Villa-Boa, e Alcaide-Mór de Portel; Gonçalo Christovão Pinto Coelho, Senhor Donatario do Conselho de Felgueiras, e de Vieira; Pedro de Sousa de Castello-Branco, Senhor Donatario do Conselho do Guardão, Commendador de Santo André do Ervedal, Coronel do Regimento da Armada Real, e Brigadeiro dos Exercitos de Sua Magestade; Antonio de Saldanha de Oliveira; D. José de Camara, e D. João de Lecanstre.

E outros muitos Fidalgos que não foi possível tomar todos em lembrança. E todos os nomeados Grandes, Titulos, Fidalgos e Prelados escreverão em pé, e descobertos, porque nestes Autos ninguem tem assento, nem se cobre como fica referido.

Estando já Sua Magestade assentado e tudo na ordem sobredita, se fez signal ao Doutor Manoel Gomes de Carvalho do Conselho de Sua Magestade, seu Desembargador do Paço, e Procurador da Corôa, a cujo cargo estava fazer a Falla a Sua Magestade; e subindo ao estrado grande da parte esquerda no lugar signalado, disse o Rei de Armas Portugal: *ouvide, ouvide, estai attento*. Fazendo o Doutor Manoel Gomes de Carvalho a devida reverencia a Sua Magestade, recitou a Oração seguinte:

“Muito Alto, e muito Poderoso Rei, e Senhor nosso. Não he esta a primeira vez que se vio fallar hum mudo a impulsos de hum affecto vehemente. Mudo estava eu, e não só emmudecida a minha

vóz, mas entorpecidos, e amortecidos os meus sentidos com a funestissima perda do nosso Augustissimo Rei o Senhor D. João o V.; e assim cuidão estarião todos os seus Vassallos, e muito principalmente aquelles, que tiverão a honra de ennobrecer-se no seu serviço; e ainda com maior razão os que chegarão a ouvir da Sua Real Benignidade agradaveis expressões da sua satisfação.

“A incessante saudade de hum Rei, que foi o maior Monarcha do Mundo: que se soube fazer respeitar em todo elle com admiração maior das Nações estranhas: que conservou fechado o Templo de Jano em toda a duração do seu Governo; porque sempre manteve o seu Reino em paz, sem perder hum ponto da sua Reputação: que com arte feliz pôz em execução tudo, o que lhe ministrou a idea, fazendo-se igualmente temer, e amar: na amor a Igreja, e Religião, em actos de piedade, em esmolos, e em magnificencias, especialmente com o Cullto Divino, excedeo a todos seus Augustissimos Progenitores: que na conformidade, e tolerancia, com que supportou os ultimos trabalhos da sua larga enfermidade, não terá exemplo; ficou sendo todo o objecto da nossa triste contemplação.

“No meio desta, que parecia insuperavel magoa, Foi Vossa Magestade servido mandar-me apparecer neste magnifico Theatro, e dar principio aos Vivas da sua Acclamação. Aqui, Senhor, me vi mais que nunca soçobrado; porque sendo necessario levantar os olhos a esse Throno, em que Vossa Magestade se mostra aos Vassallos com a magestosa pompa da sua Real Authoridade; e sendo necessario sahir das medidas do conhecimento proprio, e animar o espirito de viveza para fallar em hum Congresso, em que o respeito faz horror, tudo se me representou inacessivel; porque os olhos sentidos de chorar, parecia que se aggravarião mais com os resplendores da Magestade, e nem a lingua balbuciente, nem o discurso entorpecido podião atinar com decencia das expressões.

“Mas em fim, Senhor, tudo cedeo á efficacia do preceito; e tal foi o alvoroço de ver, e contemplar Vossa Magestade nesse Throno, succedendo nelle a seu Augustissimo Pai, e succedendo-lhe muito especialmente nas suas raras virtudes, que como arrebatado de poder superior senti soltarem-se as prisões da minha lingua, e romper nas obedientes clausulas desta Oração. O coração, do qual nascem as vozes do Orador, supprirá os defeitos della; e apparecerá na sinceridade dos affectos a dessimulação das minhas indecencias.

“He Vossa Magestade Filho, e Successor do Grande Rei o Senhor D. João V., que passou a melhor Corôa. Estou invencivelmente persuadido, que está he a maior gloria, com que Vossa Magestade entra no seu Governo, e que esta foi tambem a maior, que levou deste Mundo o Senhor Rei D. João V. seu Augustissimo Pai.

“Esta foi a reciproca estimação, que considerou Ovidio na successão de Augusto Cesar a seu Tio, e Pai adoptivo Julio Cesar.

...Nec enim de Caesaris actis
Ullum maius opus quanquod pater extitit hujus.

“Muitos forão os Imperadores Romanos, que adoptarão aos seus successores, e poucos os que conseguirão faze-lo com tal felicidade, que obrigado della o Imperio Romano lhes honrasse com maior vaidade as suas memorias.

“Vossa Magestade não foi adoptado: a natureza, e a Providencia lhe defirirão com o sangue a successão. Mas Vossa Magestade a recebeu tão qualificada com o exemplo, com os documentos, e com as instruções de seu Augustissimo Pai, que esta obrigação incomparavelmente grande, parece que insta por fazer-se mais memoravel, que o beneficio da natureza.

“Começou Vossa Magestade desde a sua primeira idade a mostrar aquellas disposições, que costumão formar o character dos Grandes Principes. Tiverão a infancia, e a adolescencia a precisa differença no tempo; mas nunca a tiverão, e menos deixarão perceber na acção. Disputou a docilidade precedencias ao discurso, e confessavão os Mestres de Vossa Magestade, que humas vezes parecia que a natureza com superior impulso lhe antecipava a razão, e em outras, que os habitos da razão antecipados lhe impellião a natureza.

“Com este admiravel socorro de espirito, instruido Vossa Magestade, e prodigiosamente, nos primeiros estudos das linguas mais uteis, e das partes mais estimaveis da Mathematica, entrou a estudar por modo imperceptivel a arte de reinar para seu tempo (sendo que já então estaria Vossa Magestade livre dos perigos de Faetonte). Passou a instruir-se nos interesses dos Principes; nos pontos mais importantes para a conservação, e augmento do seu Reino, e dos seus Dominios; e sobre tudo nas maximas de seu Augustissimo Pai; até que satisfeita a Providência Divina com os merecimentos do Pai, e do Filho, chegou a premear os do Senhor D. João V. com a Corôa celestial, deferindo a Vossa Magestade para consolação do seu Reino a temporal.

“De Deos he este Reino, ou este Impèrio, porque para si o quiz estabelecer Deos na Pessoa do Senhor D. Affonso I., e nos seus gloriosissimos Descendentes. O Senhor D. Affonso dispôz a materia, ordenou a maquina do edificio, e firmou-lhe os fundamentos: os seus gloriosissimos Descendentes o ampliaram, e dilataram com pismo e assombro do Mundo. O Senhor D. João V. lhe erigiu columnas mais memoraveis, que as de Hercules; Vossa Magestade lhe ha de levantar outras, e fazer-lhes gravar o Non plus ultra da sua immortalidade.

“Não sou eu o que prometto a Portugal estas felicidades; promettam-lhas sim as virtudes de Vossa Magestade, promette-lhas o exemplo, e o memoria do Senhor D. João V.; promette-lhas a mysteriosa circumstancia desta Vespera, em que a Igreja começa a festejar o felicissimo Nascimento da primeira Luz do Mundo, a qual hoje com superior inspiração buscou para Guia o Principe José de Portugal; promette-lhas finalmente a palavra de Deos empenhada na conservação, e augmento desta Monarchia.

“He tempo de chegarmos ao juramento, unico, ou principal objecto desta Acção. Desce Vossa Magestade hoje a este magestoso Theatro a jurar a obrigação de governar com justiça, e amor os seus Vassallos, e a receber delles o juramento da sua perpetua fidelidade, e obdiencia.

“Excusada parecia esta formalidade entre Reis, e Vassallos Portuguezes, que sempre forão amados e tratados de seus Principes, como Pais; e que sempre derão a conhecer ao Mundo, que os servião, e morrião por Elles, mais que como Vassallos, como filhos. Mas por isso mesmo he tal a alegria, e alvoroço, que estão testemunhando nos seus olhos os dous Estados do Reino, de que se compõe este Congresso, que estão exultando para correrem aos pés

de Vossa Magestade a prestar não só huma, mas mil vezes este Juramento.

“Sirva-se Vossa Magestade de admitti-los com a sua Real Benignidade, e faça-nos a justiça de crer, que nenhuma cousa desejamos com maior ardor, do que converter os corações em lingoas, para lhe persuadirmos, que o queremos amar, e servir até os ultimos suspiros das nossas vidas, e para pedirmos incessantemente a Deos, que este primeiro triumpho da magnificencia de Vossa Magestade seja preludio de infinitos outros, em que se nos permitta repetir, e multiplicar os vivas da sua proclamação, e engrossar o glorioso ruido do seu Nome, e da sua Fama. — Disse.

Acabada a dita Falla subio o Reposteiro-Mór ao estrado pequeno, e poz diante de Sua Magestade huma Cadeira de Têlla carmesim, coberta com hum panno do mesmo, e huma almofada em cima da mesma Têlla, e outra aos pés de Sua Magestade; o que tudo tinha prompto o Guarda-Tapeçarias; e logo o Eminentissimo e Reverendissimo Cardeal Patriarcha D. Thomaz de Almeida, Capellão-Mór, poz em cima da dita Cadeira hum Missal aberto guarnecido de prata dourada, e nelle huma Cruz de prata tambem dourada, o qual Missal, e Cruz tomou da mão do Mestre de Ceremonias da Capella Real, ficando junto á Cadeira de Sua Magestade o mesmo Cardeal Capellão-Mór, e ao seu lado rireito o Bispo de Portalegre D. João de Azevedo Ozorio, e ao esquerdo o de S. Paulo D. Fr. Antonio Galvão, para serem testemunhas do juramento, que Sua Magestade havia de fazer; se chegou o Secretario de Estado Diogo de Mendonça Corte Real á mesma Cadeira, e lhe deo recado para se pôr de joelhos. Ajoelhando Sua Magestade sobre a almofada em que tinha os pés, mudou o Sceptro a mão esquerda, e tendo lhe mão no chapeo o Marquez de Marialva, poz a mão direita no Missal, e disse as palavras do dito juramento, em voz, que foi bem entendida de todos os que estavam presentes a elle, e das mais pessoas, que estavam no estrado, assim como as hia lendo o Secretario de Estado, que tambem estava de Joelhos junto á dita Cadeira. A forma do juramento he a seguinte: *Juro, e prometto com graça de Deos vos reger, e governar bem, e direitoamente, e vos administrar inteiramente justiça, quanto a humana fraqueza permite, e de vos guardar vossos bons costumes, privilegios, graças, mercês, liberdades, e franquezas, que pelos Reis Meus Predecessores vos forão dados, outorgados, e confirmados.*

Feito o dito Juramento Sua Magestade se tornou a assentar na sua Cadeira, e os ditos Bispos de Portalegre, e S. Paulo se retirão para os lugares onde antes estavam, e o Secretario de Estado Diogo de Mendonça Corte Real posto em pé, no meio do estrado grande leo em voz alta, e intelligivel a todos a forma do dito juramento, e as palavras, que o dito Secretario disse antes de o ler, são as seguintes: *“Esta he a forma do juramento, que os Grandes, Seculares, Ecclesiasticos, e Nobreza destes Reinos, que aqui estão presentes, hão de fazer a ElRei Nosso Senhor, que he o mesmo juramento costumado, que em taes Autos se fez aos Reis destes Reinos, e seus Antecessores: Juro aos Santos Evangelhos tocados corporalmente com a minha mão, que eu recebo por nosso Rei, e Senhor verdadeiro, e natural ao muito Alto, e muito Poderoso Rei D. José o 1. nosso Senhor, e lhe faço preito, e homenagem, segundo o formal, e costume destes seus Reinos.*

Acabado de ler o dito juramento pela dita maneira, se afastou a Cadeira, em que estava a Cruz, o Missal, para a ilharga esquerda, para ficar aos que jurassem de irem depois de o fazerem, beijar a mão a Sua Magestade; e o Capellão-Mór, e Reposteiro-Mór vierão fazer este Officio, cada hum no que lhe tocava, e o Secretario de Estado se tornou a pôr de joelhos junto á dita Cadeira para ler o juramento ao Senhor Infante D. Pedro.

A primeira Pessoa que jurou foi o Senhor Infante D. Pedro, e jurou neste lugar como Infante; porque sendo Condestavel havia ser no penultimo: fazendo Sua Alteza as devidas reverencias a Suas Magestades, e passando o estoque para a mão esquerda, se poz de joelhos junto á dita Cadeira raza, e fez o dito juramento, preito, e homenagem, dizendo as ditas palavras do dito juramento *de verbo ad verbum* com a mão direita posta sobre a Cruz, e Missal, assim como as hia lendo o Secretario de Estado, o qual ferido este juramento, se poz em pé, e assistio aos juramentos, que se seguirão; e tanto que acabou de jurar o Senhor Infante D. Pedro, foi logo beijar a mão a Sua Magestade, que lha deo com comprimento, levantando-se em pé, tirando-lhe o chapeo e lançando-lhe os braços ao pescoço; e assim como este primeiro juramento foi feito, logo o Conde de S. Lourenço D. João José Amsberto de Noronha, como Alferes Mór, desenrolou a Bandeira Real.

Depois do Senhor Infante D. Pedro ter jurado, se lhe seguiu o Senhor Infante D. Antonio, e depois o Senhor Infante D. Manoel, que praticarão as mesmas ceremonias, e receberão de Sua Magestade as mesmas demonstrações referidas com o Senhor Infante D. Pedro. Seguiu-se o Senhor D. João, e logo a elle o Duque do Cadaval D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello; e pondo cada hum a mão sobre a Cruz disse: *Eu assim o juro, e prometto:* e forão beijar a mão a Sua Magestade.

Acabados estes juramentos, disse o Rei de Armas Portugal em voz alta: *Manda EIRei Nosso Senhor, que neste Auto venhão jurar, e beijar a mão os Grandes, Titulos Seculares, e Ecclesiasticos, e mais pessoas da Nobreza, assim como se acharem sem precedencias, nem prejuizo do direito de alguem.*

Logo que o Rei de Armas disse estas palavras, forão jurar os Marquezes, os quaes, ao tempo que fizerão o dito juramento, disserão cada hum delles, posta a mão direita na Cruz, e Missal: *Eu assim o juro e prometto:* e forão beijar a mão a Sua Magestade. Aos Marquezes se seguirão logo os Condes, e mais Titulos do Reino atrás nomeados, sem entre elles haver precedencia, por o Secretario de Estado lhes haver declarado, que o ordenava Sua Magestade; e cada huma das ditas pessoas, quando assim fez o dito juramento, disse posta a mão direita na Cruz, e Missal: *Eu assim o juro:* e forão beijar a mão de Sua Magestade.

Acabado o juramento dos Titulos Seculares, seguiu-se o Duque Regedor, e depois delle avisou o Secretario de Estado Diogo de Mendonça Corte Real ao Eminentissimo e Reverendissimo Cardinal Patriarcha, para vir jurar, por ser este o lugar, em que jura o Capellão-Mór; e depois deste seguiu-se o mesmo Secretario de Estado, e forão jurar o Arcebispo, os Bispos, Principaes, e Prelados atrás nomeados, tambem sem precedencia, e beijarão a mão a Sua Magestade.

Por este modo se foi continuado o dito Auto de Juramento, preito, e homenagem pelos Ministros dos Tribunaes, Donatarios da

Corôa, Alcaides-Móres, Fidalgos, e mais pessoas da Nobreza atrás nomeados, os quaes forão jurar, assim como podião chegar ao estrado, e lugar do juramento, sem entre elles haver outro sim precedenciaia; porque guardando-se a ordem dellas havião de jurar primeiro os do Conselho, e depois Senhores de Terras, e logo os Alcaides-Móres; e assim como cada hum jurava hia logo beijar a mão a Sua Magestade. Feito isto disse Sua Magestade ao Secretario de Estado Diogo de Mendonça Corte Real, que accitava os ditos juramentos, preitos, e homenagens, que se lhe havião feito e logo o dito Secretario de Estado se poz no meio do estrado grande, dizendo em voz alta, e intelligivel a todos, o seguinte: *ElRei Nosso Senhor acceita os juramentos, preitos, e homenagens, que os Grandes, Titulos Seculares, e Ecclesiasticos, e mais pessoas da Nobreza, que estais presentes agora lhe fizestes.*

Tanto que o Secretario de Estado acabou de dizer estas palavras disse o Rei de Armas Portugal: *Ouvide, ouvide, ouvide, estai attento;* e logo o Alferes-Mór com a Bandeira Real desenrolada disse no lugar onde estava, em voz alta: *Real, Real, Real, pelo muito Alto, e muito Poderoso Senhor ElRei D. José I. Nosso Senhor;* e repetindo o mesmo os Reis de Armas, Arautos, e Passavantes, ajudados das pessoas, que estavam na dita varanda, tangerão os Ministres.

Feito este primeiro Auto de Acclamação, logo o Alferes-Mór, fazendo reverencia a Sua Magestade, desceo do lugar onde estava com a Bandeira Real, e acompanhado dos Reis de Armas, Arautos, Passavantes, Porteiros da Maça, e Porteiros da Cana, se foi andando com o dito acompanhamento pela dita varanda até o meio della ao lugar onde estava o estrado pequeno de tres degrãos, para dalli acclamar a Sua Magestade, e subindo-se em cima com a Bandeira Real na mão direita, e com elle o Rei de Armas Portugal, ambos virados para o Povo, disse o dito Rei de Armas outra vez: *Ouvide, ouvide, ouvide, estai attento;* e logo o dito Alferes-Mór, levantando a voz, quanto lhe foi possível, disse: *Real, Real, Real, pelo muito Alto, e muito poderoso Senhor ElRei D. José I. Nosso Senhor;* e repetindo o mesmo os Reis de Armas, Arautos, e Passavantes, ajudados de todas as Pessoas, que estavam na dita varanda, tangerão os Ministres, e a gente do povo começou a dar vivas, com grande alvoroço, e alegria, em repetidas vozes acclamando a Sua Magestade por seu Rei, e Senhor, e fazendo outras expressivas acções em demonstração de amor, e lealdade com que os Portuguezes sabem venerar a seus Reis naturais. A este tempo repicarão os Sinos das Sés, e mais Igrejas da Cidade, festejando geralmente a solenidade deste Auto. Tornando o Alferes-Mór com o mesmo acompanhamento com que veio para o estrado grande se levantou Sua Magestade para ir dar graças a Nosso Senhor á Basilica Patriarchal.

Logo o Rei de Armas disse as palavras seguintes: *Manda ElRei Nosso Senhor, que o não acompanhem, mais que os que vierão com Elle;* e tangerão os Ministres, Charamellas, Trombetas, e Timbales. Nesta forma tornou a vir Sua Magestade com o Sceptro na mão encostado ao peito por junto das grades, em quanto ia passando a dita varanda, parou por espaço de tempo consideravel, voltando-se para o Povo, para que tivesse o gosto de vê-lo mais á vontade; ao que elle correspondia com incessantes vivas, e inexplicaveis demonstrações da sua fidelidade, e alegria, conciliada pelas heroicas virtudes, gentil, e magestosa presença de Sua Magestade, facilitando-me

o poder attestar dos intimos, e occultos votos dos fieis corações dos seus Vassallos a ternura das lagrimas, que nos olhos lhes fazia produzir o entranhavel amor do seu Soberano.

Baixando Sua Magestade á Basilica Patriarchal por huma nave do Pateo, que se achava armada de ricas tapeçarias, estava o Barão Conde de Oriola, Presidente do Senado, e os Vereadores atrás nomeados em Corpo de Camara com as suas Varas nas mãos. A' porta da Igreja Patriarchal, da parte de dentro da escada nova, que sobe ao Pateo para a dita Igreja, estava o Eminentissimo e Reverendissimo Cardeal Patriarcha, como Capelão-Mór, que he, o qual logo que prestou o seu juramento, e homenagem na varanda, foi para a sua Camara dos Paramentos (fazendo o mesmo os Principaes) e immediatamente que se ouvirão os tiros do Castello, e o repique de todos os sinos, foi paramentado Pontificalmente; como para Vesperas, de cujo modo procedeo para o Altar-Mór, com toda a sua sólita comitiva, donde levou a Cruz do Santo Lenho debaixo do Pallio, em cujas varas pegavão oito Monsenhores dos mais antigos paramentados de Capas de Asperges de téla branca com as Mitras na mão, pois nunca se cobrirão, e rodeados de vinte e quatro Beneficiados da mesma Igreja Patriarchal com tochas para a sobredita Porta. Já neste tempo entrava o acompanhamento de ElRei, e estava a Rainha Nossa Senhora com as Senhoras Princesas, e Infantas na Tribuna. Tanto que Sua Magestade chegou ao dito lugar, se poz de joelhos sobre huma almofada de brocado, que alli estava em cima de huma alcatifa de seda, e beijou a Santa Reliquia, que lhe deo o mesmo Eminentissimo e Reverendissimo Cardeal Capelão-Mór: e feita esta cerimonia encaminhando-se todos outra vez para o Altar-Mór principiarão logo os Musicos o *Te Deum laudamus* no seu solito Coreto, acompanhando os dous Orgãos, e Sua Magestade foi acompanhando a Santa Reliquia de trás do Pallio até o Altar-Mór, que tanto este, como toda a Igreja, estavam com a sua solita armação, como se pratica nos dias de primeira classe. No Altar-Mór porem estavam na banquetta os castiçaes riquissimos de lapis-lazuli, os quaes só servem em dias de Baptizados de Pessoas Reais, ou semelhantes funções. Os muzicos forão continuando com tal medição a cantoria do Hymno, que as palavras *Te ergo quoesumus*, chegou, e ajoelhou Sua Magestade no seu genuflexorio, que lhe estava preparado no Presbiterio, de brocado, e almofadas do mesmo. Ja nesse tempo tinha deixado o Eminentissimo e Reverendissimo Cardeal Patriarcha a Cruz no meio do plano do Altar, o que fez assim que chegou, e se apartou para o lado da Epistola, aonde se achava a Estante de prata com a face para o lado do Evangelho, em cujo lugar tambem ajoelhou em almofada de veludo. O Alferes-Mór com o Estandarte Real, ficou junto ao angulo anterior dos degrãos do Altar da parte do Evangelho; e á sua direita o Senhor Infante D. Pedro com o estoque levantado, vindo a estar deste modo mais proximo a ElRei, e assim mesmo os Senhores Infantes D. Antonio, e D. Manoel; e alli ajoelharão ambos ás ditas palavras do Hymno porem sem inclinarem as insignias.

O Eminentissimo e Reverendissimo Cardeal Patriarcha, acabado o dito Hymno, cantou os Versos, e Orações no mesmo lado da Epistola; e passando ao meio deo com a dita cruz as tres benções, que todos receberão de joelhos, a abatendo então o Senhor Infante Condestavel o estoque, e o Alferes-Mór o Estandarte.

Dada a benção, o Eminentissimo e Reverendissimo Cardeal Patriarcha, largando a Cruz no dito lugar, desceo os degrãos do Altar, e feita a devida reverencia, recebeu a Mitra (pois todo o mais tempo esteve sem ella) e se caminhou com a mesma ordem para a Capella do Sacramento, onde se fez oração, na qual só ElRei, e o Eminentissimo Cardeal usarão de almofada: dahi acompanhou Sua Magestade até á porta da Igreja, que desce para o Pateo, onde houve reciprocas inclinações na retirada; e depois que na Sala costumada depoz os Paramentos, passou a cumprimentar a Rainha Nossa Senhora no seu quarto.

Todo o acompanhamento se poz em alla por huma, e outra parte; tangerão os Ministres, Charamellas, Trombetas, e Timbales, e Sua Magestade se recolheo para o seu quarto pela mesma parte por onde havia ido, acompanhado pelos Officiaes da Casa, Titulos, Reis de Armas, Arautos, Passavantes, Porteiros da Maça, e da Cana, que vierão até á Sala destes diante do acompanhamento de Sua Magestade.

Ao qual Auto, juramentos, preitos, e homenagens, e cerimoniaes delles fui presente eu Pedro Norberto de Aucourt e Padilha, Notario publico por authoridade de Sua Magestade, e especial Alvará seu, que vai trasladado no fim deste Instrumento, e faço fé, que passou assim tudo bem, e verdadeiramente sem falta alguma, sendo presentes os Grandes, Titulos Seculares, e Ecclesiasticos, Fidalgos, e outras pessoas da Nobreza, que fizerão o dito juramento, e outra muita gente, assim Nobre, como do Povo, que estavam no Terreiro do Paço, pela varanda, e janellas, que ficão sobre elle.

Assim como cada huma das ditas pessoas, que assistirão em cima na varanda, e no lugar do dito juramento, hia entrando nella o tomava em lembrança por escripto, que para o poder fazer me mandou Sua Magestade estar com escrevaninha e papel no estrado grande, perto do Throno, desde que o dito Auto começou, e se fez o primeiro juramento, preito, e homeganem, até o ultimo. Sendo assim tudo feito, findo, e acabado, me ordenou Sua Magestade, que de tudo desse minha fé, como seu Notario publico, e fizesse disso. Auto, e Instrumento, e que lho desse authenticico; e depois me foi requerido pelo Secretario de Estado Diogo de Mendonça Corte Real por Aviso de dezessete de Junho deste presente anno de mil seicentos cincoenta e dois, que para perpetua firmeza do dito Auto, e substancia delle lhe desse hum, e muitos Instrumentos, para se lançarem na Torre do Tombo, e ter em seu poder. Testemunhas, que a tudo forão presentes o Eminentissimo e Reverendissimo D. Thomas de Almeida, do Conselho de Sua Magestade, e Cardeal Patriarcha de Lisboa; o Arcebispo de Lacedomonía D. José Dantas Barbosa, do Conselho de Sua Magestade; o Bispo de Portalegre D. João de Azevedo Osorio, do Conselho de Sua Magestade; o Principal D. Philippe de Sousa, do Conselho de Sua Magestade, e Deão da Santa Igreja de Lisboa; o Marquez de Gouvêa D. José Mascarenhas, Mordomo-Mór, e Presidente do Desembargo do Paço; o Marquez de Marialva D. Diogo de Noronha, Estribeiro-Mór, Gentil-Homem da Camara, e Governador das Armas junto á Pessoa; o Marquez de Marialva D. Pedro de Menezes, Gentil-Homem da Camara; o Conde de Unhão Rodrigo Xavier Telles de Menezes Castro e Silveira, Gentil-Homem da Camara, e Vedor da Fazenda; e outras muitas pessoas, que se acharão presentes, atrás nomeadas, como fica dito.

E eu Pedro Norberto de Aucourt e Padilha, Cavalleiro Professo na Ordem de Christo, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Escrivão da Sua Camara, e seu Notario publico para as cousas do seu serviço, e em especial para este Auto, fiz este Instrumento, em que com as ditas Testemunhas assignei de meu signal raso, e costumado. E declaro, que supposto nos lugares, que tiverão as pessoas referidas neste Auto, houve alguma differença ao que fica referido, o relatei segundo a ordem, que nos lugares havia Sua Magestade mandado dar pelo Secretario de Estado Diogo de Mendonça Corte Real; sendo certo, que desejando todos observa-la pontualmente, era indispensavel ter alguma pequena alteração, pelo grande concurso, e alvoroço de todos.

*

* *

O ALVARA' POR QUE SUA MAGESTADE ME FEZ SEU NOTARIO PUBLICO, HE O SEGUINTE:

EU ELREI. Faço saber que este Alvará virem, que Eu Hei por bem, e Me praz de fazer Notario publico em Minha Côrte, e nestes Reinos, para as cousas do Meu serviço, que se offereçêrem a Pedro Norberto de Aucourt e Padilha, Fidalgo da Minha Casa, e em especial o faço Notario publico para o Auto do Levantamento, e Juramento, que os Estados destes Reinos Me hão de fazer na Corôa delles, e seus Senhorios, e Mando que ao dito Auto do Levantamento, e Juramento, e aos Instrumentos que delle passar, e a todos os mais, que por Meu serviço fizer, se dê tão inteira fé, e credito como por direito se deve dar ás Escrituras feitas por Notarios publicos: o que dito Pedro Norberto de Aucourt e Padilha fará debaixo do juramento, que tem do seu Officio: E quero, que esta valha, tenha força, e vigor, como se fosse Carta começada em Meu Nome, passada pela Minha Chancellaria, e Sellada do Meu Sello pendente; e valerá outro sim, posto que não passe pela dita Chancellaria, sem embargo da Ordenação em contrario. Feito em Lisboa, aos 6 do mez de Setembro de 1750 — REI. — Diogo de Mendonça Corte Real.

O qual Instrumento vai escripto em vinte e seis meias folhas com esta, todas de huma letra, e assignando por mim Notario com as Testemunhas atrás nomeadas. — Pedro Norberto de Aucourt e Padilha. — D. Thomaz de Almeida, Cardeal Patriarcha de Lisboa. — D. J. Arcebispo Lacedomonien. — D. João de Azevedo Osorio, Bispo de Portalegre. — Principal Filippe de Sousa, Deão da Santa Igreja de Lisboa. — D. José Mascarenhas, Marquez de Gouvêa, Mordomo-Mór. — D. Diogo de Noronha, Marquez de Marialva, Estribeiro-Mór. — D. Pedro de Menezes, Marquez de Marialva. — D. Rodrigo Xavier Telles de Menezes Castro e Silveira, Conde de Unhão. *Impr. na Off. de Luiz Ameno.*